

Anno I

Lisboa, 24 de maio de 1896

Numero 16

Caricaturas de Celso Herminio—Chronica de João Chagas

VISITA DA ESQUADRA INGLEZA A LISBOA



A nossa fiel alliada



O episodio dramatico do dia 20 de maio é um dos traços mais caracteristicos da vida em Lisboa.

Ao approximar-se o dia 20 de maio, a maior parte dos cidadãos que habitam esta capital se sentem estremecer. Os jornaes reflectindo esta commoção publica, alludem a essa data funesta como ao advento de uma calamidade. O dia vem.-Corre meio mundo aos montepios e ás casas de penhores, despojam-se os thesouros domesticos, immolam-se velhas reliquias de familia, sacrificam-se o piano em que as meninas tocam e o relogio que serve para ver as horas na repartição, procuram-se os amigos, bate-se á porta dos agiotas, supplicam-se ordenados que se não venceram.

Para que tudo is10? Para pagar a renda da cãsa.

Não pagar a renda da casa é ficar sem lar. Meia Lisboa, ao approximar-se o dia 20, treme á idéa de

ter de pernoitar ao relento.

Mas—perguntará o curioso recem-chegado—não é costume pagar habitualmente a renda das casas

em Portugal? E se é costume satisfazer periodicamente esse encargo normal da vida, como se explica que elle apavore assim o espirito da população? Pois não é elle previsto? Não o espera? Não o sabe inevitavel?—Porque o extranha e porque se assusta?

Hão de concordar que isto é assim. Paga aos trimestres ou paga aos semestres, a renda da casa é um encargo tão inevitavel como o dinheiro para as compras, o carvoeiro, ou o contador. Todo o cidadão que tem lar deve inscrevel-o no seu orçamento, e por muito penosa que seja a sua satisfação, deve contar com elle.

Não sendo portanto imprevisto, como o podem ser as custas de um processo, um obito, ou um vidro partido, não tem a meu ver caracter calamitoso.

Mas em Lisboa não é assim e eu explico porquê. Assim como o orçamento do Estado tem um deficit, o orçamento do cidadão, em Lisboa, tem igualmente um deficit.

Porquê?

Porque tanto o Estado como o cidadão gastam mais do que ganham.

O Estado ganha pouco. O cidadão tambem. N'um paiz de burocratas, é na ural que o empregado publico seja mal pago; mas em geral em todas as classes que trabalham, a concorrencia diminuiu os salarios.

Succede, porém, que, assim como o Estado se distrahe, o cidadão procura do mesmo modo distrahir-se. O Estado tem caprichos; o cidadão tem phantasias. O Estado mantem uma lista civil exhorbitante. O cidadão joga nas loterias. O Estado faz-se representar no estrangeiro por dispendiosos cortezãos e ávidos aventureiros; o cidadão não perde tourada no Campo Pequeno, usa luvas e dá a mulher chapeus modelos. O Estado gosta de figurar. O cidadão tambem.

D'esta aspiração legitima, mas cara, resulta um desequilibrio tanto no orçamento do Estado como no orcamento do cidadão. O dinheiro não é elastico.

Lisboa quer-se dar um arremedo de prosperidade e, realmente, quem a vir na rua, aos domingos, de sobrecasaca e luvas côr de grão, chapeu alto e borzeguins de verniz, hade suppor que ella vive bem. Infelizmente não é assim, e para viver essa existencia de artificio, a vaidosa Lisboa, com o seu pedaço de Avenida e o seu Hotel Internacional, é periodicamente atacada por essas crises moraes, a que o vulgo chama na sua pittoresca linguagem—dôres de barriga.

A dôr de barriga do Estado é o coupon.

A dor de barriga do cidadão é a renda da casa.

João Chagas



bado fructo. Egoista e secco como D. João IV, tinha inclinações fradescas como D. João V.; tinha a esperteza soez e baixa de D. Pedro II, e o plebeismo de Af-

fonso VI, sem ser inteiramente idiota, como fôra o infeliz encarcerado de Cintra.

Comecava por ser quasi disforme. Tinha as mãos enormes, e uma inchação nas pernas, doença antiga de familia. Soffria de vertigens e ataques de melancolia, por padecer de hemorrhoidas. A má saude amarellara-lhe a côr do rosto flacido, d'onde pendia o conhecido beico, carnudo, sem vida, peculiar dos bourbons. Por 1805, os seus padecimentos tinham-se aggravado, repetindo-se-lhe os deliquios e augmentando com a fraqueza, a timidez e os medos. Deixou de andar a cavallo temendo cair. Abandonou Queluz, por ter visto ahi endoidecer a mãe, e recear tambem a loucura: receiava sobre tudo e sempre, morrer. Este medo trazia-o estonteado e prompto a subscrever a todas as baixezas e humilhações: ninguem talvez as soffreu tão grandes! O mado, a indolencia, os padecimentos e até a ponta de ironia com que de si para si se vingava dos seus tyrannos domesticos (a rainha, o infante) diminuiam, porem, a crueza das povoações.

Era muito sujo, vicio de resto commum a toda a familia, a toda a nação. Nem elle, nem D. Carlota, apezar de se odiarem, discrepavam na regra de se não lavarem, unica em que concordavam. Tinha inclinações baixas, e gostava, sobre todos, dos seus validos plebeus: o padre João, seu afilhado, os Lobatos guarda-roupas, e o José Egydio, seu secretario particular. Com esses fieis e dedicados subditos, com os frades de Mafra, em cuja companhia amava ir entoar o cantochão, para mostrar a sua poderosa voz de baixo, sentia-se bem, sentia que era tomado de véras como rei. Isto dava-lhe um goso de innocente vaidade, e não deixava de fallar de si na terceira pessoa: sua magestade quer dormir, sua magestade quer passear, sua magestade quer comer, etc.

Era tambem bastante avarento: por desleixo e economia, usava, até cahirem de podres, as tradicionaes calças de ganga; e uma vez que lhe furtaram um capote de doze moedas, esteve a ponto de revolucionar Lisboa para descobrir o ladrão: era caso muito mais grave do que furtarem-lhe o poder, o governo, a authoridade! Não deixava de amar o seu povo, mas queria mais ainda ás louras

⁽¹) Os filhos, D. Miguel e D. Pedro, são antes hespanhoes ou italianos: aventureiros; condottieri. Tem o sangue da mãe. Os braganças posteriores são allemães.



peças de ouro, que enthesourava; e como os libe raes não faltavam ao pagamento pontual da lista civil, não achava de todo má a Constituição.

Não se vá suppor com isto que era inteiramente boçal: não. Tinha uma esperteza de saloio, refinada por uma casuistica fradesca, porque era philosopho e theologo, a seu modo: um resto de educação nacional jesuitica. Desconfiava sempre, e de tudo, de todos; e se era indeciso por ser fraco e inepto, era-o tambem por esperteza e dissimulação.

Não tinha paixões, mas por isso mesmo queria viver socegado. Desadorava o ardor da esposa irrequieta, e, alem d'isso, infiel. Não queria restaurações, nem absolutismos: chegava a achar rasoavel que o povo tratasse de si. Observando-o d'agora, é mister concordar que, um pouco menos burlesco, seria o melhor dos reis constitucionaes: bastavam o cantochão e as peças de ouro para o distrair. Por mais que fizessem, não o levavam a ser tyranno: preferia os louros frangos assados com que abarrotava os bolsos da casaca engordurada, comendo-os á mão polvilhados de rapé. Por econo mia usava um chapeu velho e sebento, sem se parecer no mais com Luiz XI; e ria dos que, á força, queriam ver n'elle um despota. Por isso chegavam a accusal-o de pender para o lado dos pedreiroslivres, quando elle pendia apenas, atraz do seu beiço, carnudo e sensual, para a indolencia e pazd'alma, proprias de uma creatura gorda, vulgar e pouco intelligente.

Representante quasi posthumo de uma dynastia, epitaphio vivo dos Braganças, sombra espessa de uma serie de reis doidos, ou ineptamente máos, D. João VI, já velho, pesado, sujo, gorduroso, feio e obeso, com o olhar morto, a face cahida e tostada, o beiço pendente, curvado sobre os joelhos inchados, baloiçado como um fardo entre as almofadas de velludo dos velhos coches dourados de D. João V, e seguido por um magro esquadrão de cavallaria, — era, para os que assim o viram, sobre as

ruas pedregosas de Lisboa, apparição burles-

o. MARTINS — «Historia de Portugal» Vol. II. Pag. 252, 53, 54, 55.

A CONSORTE.

Carlota Joaquina, megera horrenda e desdentada, creatura devassa e abominavel, em cujas veias corria toda a podridão do sangue bourbon, viciado por tres seculos de casamentos contraa natureza...

Queluz era o palacio querido d'essa côrte, onde a plebeia devassidão reinava. Entre o muito que a revolução destruiu depois, esqueceu deitar por terra o mesquinho arremedo do Trianon, que foi para nós uma bastilha de perdição e de vergonha. D. João VI preferia a Bemposta, e sobre tudo preferia viver longe da rainha, a quem tinha odio e medo. Não a podia soffrer, nem aos lacaios, sem instrumentos.

A princeza (Carlota Joaquina) tinha uma côrte de aias e creadas hespanholas, e sentada á moda do Oriente n'um tapete de velludo sobre a relva, assistia ás danças voluptuosas da Andaluzia, acompanhadas de castanholas, ao tom das cantigas sensuaes da Peninsula.

Á noite, os bailados, os risos, o canto, o sapateio do bolero, e o jestalar das castanholas, insinuavam-se em côro pelas avenidas umbrosas onde timidamente luziam as velas ardendo em campanulas de crystal, como estrellas lubricas incitando amantes. O jardineiro preto parecia um eunuco, e os bosques de Queluz, embalsamados pelo aroma das laranjeiras, jardins de uma Armida feia e já em moça mal reputada...

Op. cit. Vol II pag. 224, 25, 60, 61

A FUGA PARA O BRAZIL.

De repente, ouviram-se gritos de horror. Que

gava o trovão de França despedindo Li Jesus! Ai Jesus! Era a rainha doida (Maria I) se estorcia no leito com um accesso de medo. Ai Jesus! Ai Jesus!

O principe (D. João VI) decidira que o embarque se fizesse de noite, por ter a conscíencia da vergonha da sua fuga; mas a noticia transpirou, e o caes de Belem encheu-se de povo que apupava os ministros, os dezembargadores, toda essa ralé ineptos figurões de lodo.

Parecia o levantar d'uma feira, e a mobilia de uma suja barraca de saltimbancos fallidos: porque o principe regente (D. João VI) para abarrotar o bolso das louras peças d'ouro, seu enlevo, ficára a dever a todos os crédores, deixando a tropa, os empregados, os creados, por pagar.

Muita gente, por indolencia, recusava ir; outros preferiam o invasor ao bragança que fugia miseravel e covardemente: ao herdeiro de reis, que jamais tinham sabido morrer, nem viver. Mais de um regimento desobedeceu aos chefes que o mandavam embarcar; e muitos, vendo a debandada, se dissolveram, deixando as armas, dispersando. Outros embarcavam; chegavam ao portaló dos navios já replectos, e voltavam para terra, aborrecidos e enjoados de tanta desordem, de tão grande vergonha.

Op. cit. Vol. II Pag. 226, 230, 31, 32.





Livros & Jornaes

Um moço poeta do Alemtejo, Dias Nunes, acaba de brindar-nos com um livro versos—primeiros versos, o que é allegação modesta para quem já os faz tão bem. Chamou-lhes *Rosmaninhos*, como a indicar-nos que está de lucto e a sua alma é triste.

Porquê.

Por nenhum motivo transcendente. Themas familiares, cousas intimas, domesticas, como antigamente, no tempo em que a Poesia era a musa dos lares.

São bons os seus versos?

Na realidade, não é possivel dizel-o.

Não ha versos bons ou maus. Ha bons e maus poetes.

Ora o sr. Dias Nunes não é um poeta bom e não é um poeta mau.—E' alguem que aspira para a Poesia.

«Li o seu volumesinho de versos—escreve Gomes Leal n'uma carta que acompanha o livro—e deliciou-me sempre a sua leitura, emquanto percorri essas ligeiras, sentidas e amorosas paginas, como um homem que se encontra trilhando uma senda florida de doendros em flôr, onde serpeiam aguas vivas.»

O novo livro de versos é consagrado á memoria de Antonio Carlos Callixto, pae do nosso presado collega do *Pauz*, Carlos Callixto.

REVISTA DA SEMANA





Uma batalha de flores em Portugal Tedio, somno

A policia em Lisboa Novos argumentos em seu favor

Depois dos Acontecimentos da Avenida, o sr. Raphael Andraderpropõe-se publicar os Acontecimentos da India.





Praça do Campo Pequeno DOMINGO 24 DE MAIO

A'S 4 HORAS E MEIA DA TARDÉ

1. - Farp. por Alfredo Tinoco. 2. - Band. por Minuto, Theodoro.

3.0— » por Cadete e Rodas. 4.0—Lide á hesp. ban. por Almendro e Sevillano.

5.º—Farpeado por José Bento. 6.º—A sós pelo espada QUINITO.

7.º—Farpeado por Tinoco. 8.º—A sós pelo esp. ALGABENO.

9.º-Bandarilhado por Theodoro

e Rodas. 10.º—Lide á hes. ban. por Zayas

e Antolin.

11.º—Farp. por José Bento. 12.º—Bandarilhado por Minuto, Cadete e Salgado.

Praca de Touros em Algés DOMINGO 24 DE MAIO

A'S 4 HORAS E MEIA DA TARDE

1.0—Farp, por Fernando Pereira. 2.0—Band, por Raphael Peixinho

e Carlos Gonçalves.

3.º—Band. por João Laureano e Eduardo dos Santos.

4.º—Band. por Silvestre Calabaça e Luiz Homem.

5.0—Farp. por Fernando Pereira, 6.0—A sós pelo esp. PECHUGA.

7. Farp, por Fernando Pereira. 8. Band. por Raphael Peixinho

9.º—Garraio a sós pelo espada REVERTE.

10.º-Garraio a sós pelo espada BIENVENIDA.

11.º-Band. por Carlos Gonçalves e Silvestre Calabaça.

12.0—Band. pelos praticantes.

Galeria Monaco

ROCIO

Illustrações Jornaes Livros

Tabacos

E... TUDO

TYP. GUEDES

ARCO DO BANDEIRA, 64 A 70

Toda a correspondencia dirisida ao administrador Joaquim de Meira Souza, Rua dos Fanqueiros, 262, sobre-loja—Editor, Paulo da Fonseca.